

O CONCURSO DOS INTELLECTUAIS

O operariado acolhe sempre com a maior simpatia todas as iniciativas com carácter social, com um intuito de libertação humana, partam essas iniciativas de núcleos de trabalhadores ou de elementos intelectuais. Nota-se ultimamente, por parte de certos elementos que não estão filiados na C. G. T. mas que não deixam de ser trabalhadores, realizando embora um trabalho intelectual, uma pronunciada tendência de aproximação para as classes operárias.

Pois bem, para que essas boas intenções possam fructificar e para que o operariado venha a ter alguma vantagem efectiva no que às vezes não passa de puro platonismo sentimental, o que é preciso? Que de facto essa aproximação se estabeleça.

Ora o operariado tem os seus métodos próprios — a organização sindical. Os intelectuais para cooperar conosco não têm senão um caminho: sindicarem-se e aderirem a nossa organização.

Segundo a tendência manifestada no Congresso operário da Covilhã o operariado, reconhecendo as dificuldades de ligação sindical de certas classes onde domina um certo espírito reaccionário, está na disposição — e no próximo Congresso se tornará certamente sobre este assunto uma resolução definitiva — de aceitar a adesão de núcleos de intelectuais, por profissões, para assim poder estabelecer a ligação com esses elementos que o queiram acompanhar na sua obra de emancipação social.

Porque não há de haver, por exemplo, engenheiros na C. G. T.? Com o seu contacto o operariado manual lucraria imenso e esses elementos intelectuais alguma coisa aproveitariam em conhecer mais de perto as possibilidades, as energias latentes, as faculdades produtivas da massa, qualidades essas que um dia, quando o capitalismo desaparecer, não deixarão socialmente toda a sua utilidade.

E como não há de ser só no dia seguinte ao da revolução que intelectuais e manuais se não de jure juntam para, dispensando os padrões, entrarem a tomar conta da produção, convenientemente seria que desde já uns e outros pensassem numa maneira prática e rápida de se organizarem, de se pôrem em contacto.

O CONFLITO MINEIRO

O governo inglês, prevendo as graves consequências que dele podem resultar, procura evitá-lo

É facto constatado que a burguesia internacional de há tempos vem preparando um imenso plano contra os direitos dos que trabalham, o qual já teve as suas duas primeiras realizações na ofensiva intentada contra o horário e salários dos operários das minas, e no pacto de garantia contra a Rússia revolucionária, falsamente representada pelo governo bolchevista.

Segundo declarou Herbert Smith, presidente da Federação Nacional dos Mineiros Ingleses, o ataque, embora iniciado pelos proprietários das minas inglesas, era para ser seguido na França, na Bélgica, na Alemanha e na América.

Mas, em face da disposição de lutar manifestada pelos mineiros ingleses, da certeza de que os mineiros franceses, belgas e mesmo alemães os acompanhariam na luta e atendendo à constituição da aliança inter-sindical na Inglaterra, o governo conservador de Baldwin encheu-se de pavor, ao prever as consequências que deste movimento podiam advir para aqueles que criminalmente o estão provocando.

E então para o evitar deu um primeiro passo no caminho da nacionalização, pois que a sua resolução de conceder aos proprietários das minas um subsídio, para que não reduzam os salários, significa perante o público que estes são incapazes de fazer face às necessidades da sua indústria sem o auxílio do Estado, e, portanto, impede a exploração dessas empresas por conta própria. Assim um projecto que pertencia ao programa do partido trabalhista vai ser posto em prática, se as circunstâncias o obrigarem, pelo governo conservador que derrubou o ministro Mac Donald, comprovando, deste modo, que não há governos reaccionários, nem liberais, porque eles são só aquilo que as massas os obrigam a ser.

O conflito mineiro que está para estalar na América também tem amedrontado um pouco as autoridades, tendo o presidente pela primeira vez na história, intervindo na questão, embora não haja esperanças de que a resolução de forma a satisfazer qualquer das partes em litígio.

A reacção encolhera, sem dúvida, agora um pouco as garras, mas se o povo não se mantiver vigilante, ela tentará outros golpes novamente.

Notas & Comentários

Passamos bem e recomendamos-nos...

A imprensa burguesa anda agora muito preocupada com as questões internas da C. G. T. E como não as conhecem minuciosamente, limitam-se a apañá-las pela rama. Dum mosquito fazem um elefante e como o seu desejo, o seu ódio ao operariado é mil vezes maior do que os perigos que nos ameaçam, chegam a conclusões fulminantes. Houve jornais que deram a Confederação como moribunda, outros encontraram «militantes anónimos» que lhes revelaram «coisas espantosas». Chegou-se a afirmar que a C. G. T. se dissolveria por si mesma. Acharnos diábolos a indelicadezas de discórdia das opiniões amáveis de quem demonstra a mesma sensação do homem robusto que escuta tranquilamente os argumentos dum mau amigo que pretende à viva força convencê-lo de que está à beira do túmulo.

Estamos bem, muito obrigado...

Processos jesuítas

O conselho jurídico da Confederação Geral do Trabalho, acompanhado do dr. Soberal de Campos, avistou-se anteontem com o presidente do ministério reclamando-lhe o regresso imediato à metrópole de todos os deportados sem julgamento. O século noticiava isto ontem com a máxima correção. Mas... punha-lhe o seguinte cabeçalho: «Mas... punha-lhe o seguinte cabeçalho: no intuito deprimente e ofensivo de deixar no público a impressão de que reclamávamos protecção para os «legionários»! A obra da Legião Vermelha — A C. G. T. interessa-se junto do governo pela situação dos presos da terrível seita.

Irra que são jesuítas!

Ainda há retórica!

O sr. Teixeira Gomes é uma criatura de apurado gosto artístico e literário. Por isso deve sofrer muitas contrariedades, como as sofreu todas as pessoas nas suas condições mentais. Ouvir a pé firme e de protocolar sorriso nos lábios um péssimo discurso, escutar mau verso ou ler uma horrível mensagem deve ser para ele uma tortura. Servido por uma cultura moderna deve odiar a retórica, há muito posta de parte pelas criaturas desmoezadas. Calculamos, portanto, que horrorosa sensação lhe teria causado a leitura daquela mensagem do Porto que, num turbilhão de palavras sonoras e de citações históricas e poéticas, pretendia, ao que parece, pedir-lhe que não renunciasse ao seu alto cargo.

Quem sabe se a esta hora o sr. Teixeira Gomes não terá renunciado de vez a ler mensagens pomposas — retirando-se tranquilamente para lugar onde possa escolher livremente as suas leituras preferidas.

Uma boa experiência

Um telegrama da «Lusitânia» acaba de nos informar de que o sr. Runciman e outros deputados ingleses vão descer aos poços das minas do norte de Inglaterra e extrair deles próprios o carvão. Trata-se duma experiência: saber quais as condições da mão de obra nas minas. Há em Portugal tantos deputados que deviam fazer experiência semelhante!

UMA MANOBRAS TORPE

Um professor do liceu de Castelo Branco demitido por acinte

No Liceu Central desta cidade cometeu-se uma iniquidade contra um professor que revela bem os processos jesuítas dos reaccionários que nele pontificam.

O sr. José Cardoso, a vítima, que é um homem de ideias desmoezadas e que a ninguém oculta as suas predilecções políticas, ocupava há 10 anos no referido estabelecimento o lugar de professor provisório do grupo de Inglês, leccionando também Geografia e História, sem que o seu comportamento e assiduidade merecessem reparos dos seus superiores hierárquicos.

Nos fins do passado ano lectivo foi o sr. José Cardoso intimado a comparecer perante o reitor, João Matilde Xavier Lobo o qual, começando jesuiticamente por encarecer-lhe as suas qualidades de inteligência e persistência, o acusou de leccionar alunos do liceu como professor de ensino livre que é, o que ia de encontro aos regulamentos, e terminou inopinadamente por apresentar-lhe dois dilemas: ou exonerar-se voluntariamente alegando doença, ou então ele faria reunir o Conselho Escolar para tratar do assunto.

O professor José Cardoso declarou ao reitor que terminando o seu contrato em julho, apenas leccionava 3 alunos que se estavam preparando para os exames de Outubro, e que não constituía qualquer crime, tirar dificuldades aos alunos sobre matérias que eles no exíguo espaço das aulas não têm tempo de assimilar convenientemente. E de resto, se os professores dos ensinos primário e superior podiam leccionar alunos dos seus cursos, ele julgava humano que se fizesse o mesmo no ensino secundário, tanto mais que isso já é um princípio estabelecido.

Convém advertir que o sr. José Cardoso durante 3 anos tirou dúvidas na cadeira de matemática a um filho do dr. Elói Cardoso ex-reitor e actualmente professor do referido Liceu e isto a instâncias deste senhor.

Quanto ao pedido de demissão, declarou que o não faria, porque não queria usar da mentira e muito especialmente porque não julgava ter cometido qualquer acto que desse razão a esse pedido.

O conselho Escolar, presidido pelo reitor, sr. Matilde Xavier Lobo, reuniu secretamente e sem que o sr. José Cardoso assistisse e lhe fosse concedido o direito de defesa, resolveu-lhe demitir, o que foi confirmado no Diário do Governo.

Tudo isto demonstra somente que houve

O CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGAL encerrou ontem os seus trabalhos

Foi resolvido aguardar oportunidade para efectivar a adesão à C. G. T. — As sessões ontem realizadas decorreram com grande brilho e elevação

A terceira sessão do congresso da Associação dos Professores de Portugal estava marcada para as 9 horas mas só foi possível iniciá-la próximo das 11 horas. Foi relativamente curta pois terminou antes das 13 horas. Pouco interesse para «reportage» limitou-se a concluir a discussão da tese «Escola Única» de Manuel da Silva, que tinha sido iniciada na véspera à noite.

Presidiu Emilio Costa, secretariado por D. Joana da Consolação Correia e Mariano dos Santos Rocha Laia.

Aurelio Quintanilha propõe, sendo aprovado, que em face do adiamento da hora, se limite o tempo destinado à discussão da tese de Manuel da Silva.

Manuel da Silva responde aos reparos que alguns congressistas fizeram à sua tese e referindo-se ao adiamento de D. Deolinda Lopes Vieira declara que não definiu os princípios em que assenta a Escola Única por estar convencido serem conhecidos de todos. O que importava saber era o meio pedagógico de a pôr em prática. O orador esperava em largas considerações tendentes a esborar algumas objecções que alguns congressistas fizeram à sua tese.

Passa-se em seguida à votação das conclusões da tese que são aprovadas com ligeiras alterações. É aprovado também o adiamento de D. Deolinda Lopes Vieira, que nós ontem publicamos, sendo substituídas as palavras «burguesia endinheirada» por «classes dominadoras».

António de Moura apresenta a seguinte moção que é aprovada por unanimidade:

«O Congresso da A. P. P. reconhecendo ser a instrução primária integral direito indisputável de todos os indivíduos, reclama do Estado as precisas diligências no sentido de tornar realidade este direito.»

Entram em discussão as «Relações Sindicais Nacionais». Almeida Costa afirma que a A. P. P. é essencialmente sindicalista e tem vivido sempre nas melhores relações com a organização operária.

É necessário que o congresso defina a sua atitude perante a C. G. T. Com esse objectivo apresenta a seguinte moção:

«A A. P. P., aderente à Internacional dos Trabalhadores do Ensino, sem compromissos algum sobre qualquer internacional operária, emite o voto de ingressar na C. G. T.»

Manuel da Silva faz várias considerações sobre o movimento operário afirmando que ele está num período de hesitação e de incerteza, não sabendo por qual das internacionais deve optar.

Entende que é perigoso dar, neste momento, a adesão à C. G. T.

Viana de Lemos afirma estar de alma e coração com o operariado, concordando com a adesão à C. G. T. mas achando-a inoportuna.

Acácio Gouveia faz várias objecções sobre a adesão baseada no facto da A. P. P. ser aderente à Internacional do Ensino e a C. G. T. estar integrada num outro organismo internacional.

Em seguida é suspensa a sessão para recomençar às 15 horas.

A sessão de encerramento

A sessão reabre pelas 13.30 horas. Preside o dr. Reis Santos secretariado por António Moura e Pereira de Figueiredo.

É lido um officio do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa saudando o Congresso e fazendo votos para que seja dada a adesão à C. G. T.

Prosegue a discussão sobre as «Relações Sindicais Nacionais».

Reis Santos declara que o movimento operário internacional traduz uma grande desorientação que não admira dado o estado confusional que a Europa atravessa. Considera o movimento operário o mais sólido alicerce da sociedade do futuro.

Carvalho Duarte defende calorosamente a adesão à C. G. T. A A. P. P. é pela luta de classes e tem princípios ideológicos que se irmanam com os da C. G. T. Aderindo a ela ficará integrada no movimento operário e disporá de meio mais vasto de propaganda.

Se a C. G. T. lucra com a adesão da A. P. P. esta só tem vantagens em estar dentro dela.

Termina propondo um adiamento à moção de Almeida Costa, afirmando que a A. P. P. aderindo à C. G. T. se declara neutra na questão das Internacionais.

Emilio Costa faz várias considerações sobre a organização operária discordando da adesão, por achá-la inoportuna.

Almeida Costa entende que só há uma atitude lógica a seguir: a adesão à C. G. T. A A. P. P. tem o dever de, por meio desse gesto, manifestar-se coerente com os seus princípios e as suas afirmações. A Internacional do Ensino não é de nenhum modo um obstáculo pois todos os organismos que a compõem — excepto a A. P. P. — estão

a firme propósito de afastar, não só um professor honesto e cumpridor dos seus deveres, mas especialmente um homem de espírito livre cujas ideias não afluam pelo diapasão dos ultra-reaccionários que constituem o corpo docente do Liceu.

A confirmar esta razão conservadora há o facto de alguns continhos do referido Liceu que eram leitores de A Batalha, terem suscitado as suas assinaturas depois deste caso.

Outro facto devemos ainda referir que demonstra bem o espírito gregário de certas classes intelectuais que contrasta com o espírito solidário da classe operária.

Todos os professores provisórios do Liceu deram razão ao sr. José Cardoso e acharam a sua demissão uma acintosa perseguição, mas o seu comodismo foi tão longe que abandonaram o seu colega coactivamente, incapazes, por apatia moral, dum gesto colectivo de desfronza.

Expedição ao Polo Norte

BERLIM, 8. — Junto das fábricas de zepe-
linos instalou-se uma comissão que está
recolhendo fundos para a construção do
grande dirigível que se destina à projecta-
da expedição ao polo norte.

O açougue do Riff

Depõe mais uma vítima do militarismo espanhol — Arro- gância para os soldados, coardia ante os mouros

A ansia de todo o estrangeiro que a Espanha, com deslumbrantes promessas, atrai brutalmente para a torturante vida do «Tercio», é fugir aos múltiplos martírios dessa vida de condenados.

Mais um português, fugido de Marrocos, nos vem referir o ludíbrio em que caiu. Chama-se Carlos Ferreira, tem 20 anos de idade, e é natural de Venda do Pinheiro, cerca de Mafra, onde deixou família, a qual procura reunir-se.

— Como foi alistado no «Tercio»? — perguntamos.

— Foi contratado para trabalhar, ao serviço da Espanha, em Marrocos, durante quatro anos, como servente de pedreiro.

— Há quanto tempo?

— Foi em Maio do ano passado. A falta de trabalho levou-me até Elvas. Aqui, um espanhol, que a princípio julguei ser português, porque falava correctamente a nossa língua, enganou-me para trabalhar. Acompanhou-me a Badajoz, onde, num quartel, me deram um contracto a assinar.

— Militarizaram-no em Badajoz?

— Não! conduziram-me a Ceuta, onde me submeteram a uma inspecção. Aqui comecei a desconfiar.

Depois de inspecionado deram-me uma farda, que eu quiz recusar. Ameaçaram-me com espancamentos, dizendo-me que tinha de sugar-me como os outros, pois em território espanhol, estava sujeito à legislação espanhola. Para não sofrer as violências com que me ameaçaram resignei-me.

— Enviaram-no logo para o «Tercio»?

— Primeiro meteram-me num comboio para o Riff, armaram-me, deram-me instrução durante sete dias, incorporando-me a seguir na «3.ª bandeira» — o «Tercio» é composto de 7 «bandeiras» — entrando logo nas linhas de fogo.

— Entrou em muitas operações?

— Em três apenas, nas montanhas de Gorgues, onde fui ferido com um tiro numa perna. Estive 46 dias no hospital de Tetuão onde fui bem tratado. Estive depois em Tassanis dois meses, cinco em Bencares e segui depois para Regia, de onde desertei no dia 2 de Julho à noite.

— E como se portaram os espanhóis nessas operações onde entrou?

— Tivemos sempre ordem de avançar enquanto se não avistavam mouros. Mal eles apareciam mandavam-nos bater em retirada.

— E os mouros?

— Seguiam-nos de perto. Numa das operações, quando retirávamos, quiz socorrer um português que jazia por terra com uma facada no peito, dada por um mouro. Mas ele não me consentiu, porque me arriscava a ser morto pelos rifenhos, que avançavam, destemidos, e ele já estava perdido. Aceitei o conselho. Ele tinha razão. Quando os mouros atacam, só há um recurso para os que combatem pela Espanha — fugir!...

— E o tratamento?

— O pior possível. A comida é repugnante e escassa. A água ruim, e fornecida uma vez por outra. A sede é o maior martírio dos soldados do «Tercio». Tive dias de marchar 60 e 65 quilómetros, sem que eu nem os meus companheiros bebéssemos uma gota de água. Quando viamos água e pretendíamos ir bebê-la, porque o sol escaudava e não a bebíamos, os oficiais adivinhavam-nos os cavalos para cima e obrigavam-nos a marchar.

— E os oficiais?

— Tratam os soldados como se fossem animais. São frequentes os espancamentos a cavalo-marinho por motivos que só os agressores — oficiais espanhóis e alemães — conhecem.

Também sem motivo algum é imposto a soldados o castigo de andarem com sacos de areia às costas, com o peso de duas ou três arrobas, durante muitos dias, não lhes sendo permitido tirá-los nem para dormir.

— E os soldados espanhóis também sofrem esse tratamento?

— Dos oficiais alemães não. Mas os oficiais espanhóis não põem nenhuma dúvida nisso.

Eis quanto nos disse Carlos Ferreira desse matadouro para o qual a Espanha não hesita em enviar a sua mocidade, sacrificando-a aos caprichos da fúria e dos milítrios que só lá vão para fugir diante dos mouros e receber o soldo, que o Estado arranca, em contribuições, às famílias das vítimas das ambições imperialistas.

Carlos Ferreira, apresentouse, após a sua deserção, ao cônsul de Portugal em Tanger, sr. Gemilho Lopes Ferreira, que o sustentou durante doze dias com uma refeição por dia numa cozinha económica.

Foi mais humano o governador civil de Faro que lhe prestou toda a assistência, pagando-lhe as passagens para Lisboa.

LEIAM AMANHÃ

SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

Os Prometeus modernos (com gravura).

A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.

Crónica Internacional.

Contra os espectáculos imorais — As touradas.

O panorama da política portuguesa.

A epopeia do trabalho — Os escultores, texto de Ferreira de Castro e desenho de Roberto Nobre.

José Ricardo, por Jesus Peixoto.

O sangue humano virá a ser o mais eficaz dos remédios?

O que todos devem saber... Chico, Zecas & C.ª

Ainda a política de Moscúvia

As naturais ilacções que o caso da Associação dos Sapateiros de Beja suscita

No número de 21 de Julho passado e num dos artigos em que se transcrevia cópia do officio que a C. G. T. foi enviado para a Associação dos Sapateiros de Beja, nós acrescentámos as seguintes considerações:

«Esta Associação, como seria dum elementar dever de mera cortezia, demais a mais sendo confederada, não deu resposta alguma; e, pelo contrário, a sua direcção ou algum dos seus componentes, sem dúvida moscovitário até ao sectarismo, formeteu, abusando da posição que porventura possa ocupar transitóriamente naquele organismo, aquele documento ou a sua cópia à Internacional, que daquele officio procurou tirar o mais baixo partido possível.»

Não nos enganamos. Effectivamente houve abuso, abuso que partiu, como supozemos, dum moscovitário e tão sectário que é, como o diz o documento que abaixo transcrevemos, membro do P. C.

Este documento temo-lo em nosso poder há já uns dias. Não o havíamos ainda publicado por termos obrigados a tratar a questão respeitante à circular de Coruche que estava entre nós.

Ignorávamos, «entretanto, que a Associação dos Sapateiros de Beja ia tão rapidamente tratar daquela questão em assembleia geral.

O documento é o seguinte:

Nota officiosa

Tendo sido enviada pelo Secretariado de Propaganda Confederal a esta associação um officio no qual o mesmo lhe pede informações verdadeiras acerca da propaganda divisionista entre o operariado desta localidade para um trabalho tendente a desfazer a má impressão que, resultante dessa mesma propaganda, possa haver em alguns espíritos menos lúcidos em questões sindicais e não lhe tendo sido dada qualquer resolução tendente a satisfazer o desejo da entidade enviada, foi com bastante indignação que o vimos transcrito no jornal que mais tem fomentado o divisionismo entre o operariado. Cumpria, pois, a direcção verificar quem lho tinha fornecido ou a sua cópia. Essa tarefa não foi difícil, pois que um dos seus membros, Francisco A. Rato, declarou na reunião havida em 24 do corrente que fora ele quem o forneceu.

Preguntadas quais as razões que o levaram a proceder duma maneira tão desleal para com um organismo que tanta confiança lhe depositava, respondeu: «por não concordar com a sua doutrina.» Os restantes membros da direcção objectaram-lhe que só na reunião onde esse documento fôsse discutido ele teria o direito de expor a sua discordância e ainda assim mesmo estaria sujeito à resolução da maioria, e nunca por princípio algum o deveria ter apresentado a ninguém (se bem que não seja uma circular secreta como o mesmo jornal afirma); quanto mais fornecê-lo para sua publicação.

Convém acentuar aqui que este associado foi sempre um incansável pugador pelos interesses desta associação e nunca teria procedido duma maneira tão ignóbil para com a mesma, senão fora ultimamente ter-se filiado no Partido Comunista.

Convém mais esclarecer aqui, não só o Secretariado de Propaganda Confederal como a organização em geral, que a direcção na sua totalidade não tem responsabilidade no aparecimento da aludida circular na Internacional, mas sim um dos seus membros. — Beja, 26 de julho de 1925. — A direcção da Associação dos Sapateiros de Beja.

Pela resolução da assembleia da qual o organismo ontem publicada neste jornal, sabe-se qual foi a sua decisão: nada menos que irradiar o elemento que abusou da situação que na direcção daquele organismo mantinha.

Não nos regosija o facto. Sinceramente o lamentamos, tanto mais tratando-se duma criatura com responsabilidades de militante no seio da organização sindical de Beja.

Uma única objecção temos a fazer quanto aos motivos alegados para justificar o abuso: não concordar com a doutrina do officio, cuja publicação deu causa à irradiação e que significa estar de acordo com toda a acção dissoluta que só aproveita à burguesia exploradora.

E esta é toda a obra moscovitária.

A guerra de Marrocos

Outro grande ataque dos rifenhos?

RABAT, 8. — Corre o boato de que os rifenhos estão atacando fortemente as posições espanholas do sector leste de Melilla, quarenta quilómetros a sueste do Adir.

As notícias de Madrid

MADRID, 8. — Realiza-se amanhã a solemne proclamação do novo kalifado de Tetuão.

Segundo dizem de Melilla, Abd-el-Krim mandou prender o «caid» Kimahoya em consequência da derrota por ele sofrida no sector de Midar.

Os aviadores espanhóis têm estado muito activos, bombardeando eficazmente as posições inimigas, tendo também desenvolvido grande actividade as «harkas» amigas.

Os antipáticos aviadores americanos

RABAT, 8. — Os aviadores americanos ficaram constituindo uma esquadilha autónoma, sob o comando do coronel Swemey.

Os reforços dos franceses

CASABLANCA, 8. — Estão desembarcando e são esperados durante toda a próxima semana grandes reforços de tropas vindas da metrópole.

CARTA DE COIMBRA

O eterno problema da falta de água

COIMBRA, 7.—Há dias esta cidade assistiu a mais um incêndio—violento e funesto que por em sério risco uns prédios contíguos ao incendiado.

E, como de costume, houve falta de água—motivo por que muita gente espavoridamente gritava por socorro, dando ao mesmo tempo «abaixos» à câmara, pois a falta desse benéfico líquido ia certamente ser a desgraça de algumas dezenas de pessoas.

Calculem os leitores, o incêndio foi numa alquilaria sita na Avenida Navarro, a uns 15 metros do rio Mondego. E, oh irrisão, houve falta de água!

Bem sabemos que não é com a água do rio que se pode contar. Mas exactamente por isso é que as nossas palavras são de protesto, ou por outra, de ataque, àqueles que nestas coisas superintendem—e a saber a câmara municipal, pelo vereador do respectivo pelouro, salvo erro o sr. Plácido Valente (o célebre Barão da Sota, já conhecido dos leitores de *A Batalha*).

Porque o caso é este: de há um tempo a esta parte, sempre que a fatalidade provoca um incêndio, é sabido que a falta de água é notória—contribuindo isso, claro, para um maior desastre, pois é impossível fazer salvados.

O que tem valido, felizmente, tem sido o auto-bomba dos voluntários que posto a trabalhar ora no lago do Parque de Santa Cruz, ora junto ao rio Mondego, com sua potente força consegue transportar água ao local do sinistro, debelando-o. Porém este não pode trabalhar em qualquer sítio da cidade, porque não tem onde deixar seus «absorvos» para a água jorrar com abundância.

Há, é certo, as bocas de incêndio, serviço de que é proprietária a câmara cá do burgo. Mas que, os leitores julgam que elas deitam água? Puro engano. Um simples «repição» que parece o esforço de qualquer bebé a mamar brincando e que não atinge além dum metro!

E interessante, não é verdade? De acordo. Porém, a cidade é que não pode estar sujeita às «plácidas» maneiras de ver dos edis camarários, continuando a sujeitar a qualquer desastre com consequências muito lamentáveis. Este estado de coisas já se arrasta há muito tempo e é conveniente pois que para ele se olhe de frente.

Neste último incêndio, já o povo começou protestando em alta grita, investindo a câmara municipal pelo que estamos descrevendo—e daqui a algum tempo, os seus protestos serão possivelmente mais fortes e talvez violentos.

A. F.

Os mantenedores da ordem

Soldados da G. N. R. que violentam, agredem e roubam uma servil

Na noite de 31 do passado mês, cerca das 21 horas, passou-se em Sintra um caso grave.

Dois soldados da G. N. R. que andavam de ronda, Roberto Francisco Martins, guarda n.º 296, e Rui Posadun, n.º 72, encontraram na rua de Santa Maria, uma criada dum proprietário da localidade chamado Andrade, e, lançando-se sobre ela, agarraram-na, esforçando-se por cevar nela, com a bestialidade inerente aos mantenedores da ordem, os seus animalescos desejos sexuais.

Como a rapariga gritasse por socorro, taparam-lhe a boca com um lenço, dando-lhe com a coroa da espingarda, deixando-lhe o corpo coberto de equinóses.

Depois de a agredirem tão bárbaramente, e tendo-a dominado, satisfizeram os seus instintos de besta, roubando-lhe ainda os brincos que levava e mais 35\$00.

Policías brigões

Também no restau de Manuel da Neta estiveram cinco policías da Segurança do Estado a fazer demonstrações da sua alta educação cívica.

Tendo-se sentado a tomar cerveja, entreteram-se a guardar os copos no bolso e a provocar os fregueses, desencadeando uma desordem tal que o dono da casa se viu obrigado a encerrar o estabelecimento.

Na rua começaram aos tiros. O capitão-aviador sr. Beja, que passava no momento de-lhes voz de prisão conduzindo-os para a esquadra de Sintra.

E a gente desta, ruínas, criaturas sem escrúpulos, sem a mais leve noção do que seja a dignidade, sem o menor respeito pelos outros e por si próprios que está entregue a manutenção da ordem pública!

A terra treme

Casas demoradas e 15 soterrados

NEW-YORK, 8.—Dizem de Manica ter-se sentido naquela cidade um violento tremor de terra, que destruiu completamente seis edifícios, em cujos escombros ficaram 15 pessoas sepultadas.

Nas cidades do México e Guerrero

MEXICO, 8.—Esta cidade e a de Guerrero foram ontem violentamente sacudidas por um abalo sísmico.

O pânico apoderou-se da população sem que, todavia, haja desastres e prejuízos importantes a registar.

No Mediterrâneo

Faenz, 8.—O seismógrafo desta cidade registou um violento abalo sísmico na zona oriental do Mediterrâneo.

Trotzky fala aos delegados alemães

MOSCÓVIA, 8.—O comissário do comércio, Trotzky, recebendo uma delegação de operários alemães, expoz as condições de trabalho na Rússia e demonstrou a importância das concessões feitas a 22 empresas alemãs, 17 inglesas, 8 americanas e 43 de outros países.

O KU-KLUX-KLAN

WASHINGTON, 8.—Está marcado para amanhã um longo cortejo nesta cidade no qual tomarão parte 50.000 filiados na célebre associação secreta «Ku-Klux-Klan», para o que foram organizados vários comícios especiais que transportarão à capital os membros residentes noutras cidades. Temem-se grandes desordens, pelo que as autoridades tomaram grandes medidas de precaução.

LIVROS E AUTORES

MALDITA SEJA A GUERRA—por Ribeiro de Carvalho

O sr. Ribeiro de Carvalho, o poeta que a «Dolores» celebrou e que a política demasiadamente absorveu, acaba de publicar um livro de combate, caracteristicamente anti-militarista, intitulado «Maldita seja a guerra».

Vasado em velhos moldes românticos, o novo livro do sr. Ribeiro de Carvalho reporta-se à grande guerra e dos escombros desta recolhe, piedosamente, as mutiladas figuras, retábulos ensanguentados, de beirismo e dor, onde a humanidade vai esfolhar flores de saudade, onde a sociedade capitalista e burguesa deveria petrificar-se de joelhos, se na sua consciência se desse uma migalha de remorso.

Livro de revolta, livro de dor, é feito de pequenos quadros onde a infância da guerra é posta em contraste com a ingenua despreocupação da gente humilde que foi conduzida à matança, abandonando campos e oficinas.

Essas páginas, postas em literatura e em arte, são na verdade um libelo, ardente como ferro em brasa; são boa semente revolucionária, dessa revolução nobre e justa, tão legítima para todos os sacrificados à inútil onipotência militarista, à mentira grosseira de «certo patriotismo» utilitarista.

Não é apenas uma obra literária, mas um livro de ideias, que, logicamente, deveria ter como sequência uma acção política do autor, na Câmara dos Deputados onde tem assento. Quem escreve tais páginas tem obrigação de, constantemente, impugnar a obra de todos os governos, mórmente pelo que respeita ao orçamento do ministério da Guerra e mais forças públicas, reparando que estas absorvem quase a totalidade das receitas do país, tornando impossível qualquer obra notável de fomento e educação. Este aspecto seria o melhor complemento do livro do sr. Ribeiro de Carvalho, a mais bela cúpula a colocar na sua obra.

Ainda acerca do valor literário do livro, todo ele traçado nervosamente, com grande exaltação, eu quereria, antes, mais acção, menos descritivo, maior intenção psicológica. Todavia não deixo de louvar a unidade de factura, onde todos os motivos e figuras são mero pretexto para a condenação da guerra, o grande monstro.

De todos os trechos saliento «O homem sem nariz», tela impressionante e macabra dum mutilado, feita um pouco à maneira dos escritores do Norte, e composta com mestria... «Um braço a menos», também é pungente ironia, feita de soluços e sarcasmos. «Voz religiosa e doce...», um lindo motivo sobre a noite de Natal nas trincheiras, é a melancólica reminiscência da entrada do «Calvário» de Mirbeau traçada com ternura.

Todos os livros de combate e idealismo são úteis. Simplesmente, quando se é deputado e jornalista, como o sr. Ribeiro de Carvalho, depois de se escreverem páginas dessas não se pode, nem se deve ficar por aí. Está bem que se condene a guerra. Mas não basta.

A sociedade oligárquica e meramente especuladora que a guerra desenvolveu e criou não pode ser poupada, porque é o eterno perigo.

Ai tem o sr. Ribeiro de Carvalho mais um belo assunto literário, para magníficas páginas de revolta.

A edição, apresentável, é da «Lumen».

O PROBLEMA SEXUAL NO MEIO ACADÉMICO—por Millard Edward Clode

Para esse do seu doutoramento escreveu o sr. William Clode, um português de família inglesa do Funchal, uma obra notável intitulada «O Problema Sexual no meio Académico», livro de carácter médico, onde os problemas sexuais são tratados com a maior delicadeza e proficiência.

Apoiado nos melhores autores que têm versado a matéria, o autor analisa as diversas causas da prostituição e perversões sexuais, colocando vários aspectos ante o meio académico que, especialmente, estudou, e tirando ilacões de aplicação geral, de grande proveito para a sociedade.

Duma maneira geral, o sr. Eduardo Clode preconiza uma cuidada observação a todos os indivíduos, observação delicada, que deve vir desde a idade escolar, para se lhe aplicarem todos os possíveis meios de cura, como educação moral e intelectual, cultura física, cuidada alimentação, banhos frios, enfim todos os cuidados domésticos e médicos que possam influir na eliminação das causas mórbitas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O livro do sr. William Eduardo Clode é um notável trabalho, tanto pela cuidada forma como foi organizado, como pelo alto fim humanitário que visa.

A edição, bastante cuidada, foi impressa na Imprensa Académica de Coimbra.

O MUNDO DEPOIS DA GUERRA—por Luis Svalbaque

Já vai elevado o número de livros que a guerra produziu, e não se enganaram os que previram que o grande cataclismo mundial seria inextinguível pretexto para obras de literatura, sociologia e arte.

Para juntar à nossa já extensa bibliografia sobre a guerra, temos agora mais uma obra, do sr. Luis Svalbaque, intitulada «O mundo depois da guerra». Trata-se duma série de estudos e impressões em que o autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, análise a que, por vezes, se ajusta o comentário brilhante.

Páginas traçadas com cuidado estilo, onde nem sempre fulge o encanto da novidade, todavia têm-se com agrado, porque são limpidas, claras, e versam assunto dum demora actualidade.

A edição, da livraria Aillaud e Bertrand, bastante cuidada.

JULIO QUINTANA

O progresso no Japão

TÓQUIO, 8.—Foi aprovado o projecto do novo arrabalde que terá 61 milhas de extensão e custará 245 milhões de yens, que serão obtidos por meio dum empréstimo a contrair no estrangeiro.

A revolta na Síria

contra os franceses, provocada por Abdel-Krim?

ROMA, 8.—Informações recebidas da Síria dizem que os franceses tiveram 200 mortos e 600 feridos nos recentes combates com os nativos e que se viram obrigados a evacuar várias posições estratégicas. Os rebeldes parecem influenciados por uma activa propaganda dirigida por Abdel-Krim.

Contra a guerra

Corticeiros de Lisboa

Conforme estava anunciado realizou-se anteontem na sede da Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Lisboa, na rua de Marvila, a conferência subordinada ao tema «A depreciação do carácter pela influência militarista» que foi devidamente desenvolvida pelo camarada António de Sousa.

Em Vendas Novas

Na sessão de protesto contra a guerra, realizada no passado domingo, em Vendas Novas, foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento de Manuel Tavares, e repudiada a nefasta obra do governo Vitorino Guimarães, seguida pelo não menos criminoso governo António Maria da Silva.

Em Santarém

Uma sessão no Grémio Operário

SANTARÉM, 4.—Pelo dia 2 foram distribuídos na cidade uns manifestos firmados pelo secretário geral da Liga das Artes Gráficas, no qual se combatia a monstruosidade das guerras e incitava o proletariado da cidade a assistir à sessão de protesto que aquele organismo promoveu no Grémio Operário.

Com uma assistência diminuta, relativamente à população da cidade, a sessão abriu às 18 horas. Iniciou-a o camarada Teixeira Barbosa que, num discurso fluente, aludiu aos efeitos produzidos em Portugal pela sua participação na Grande Guerra, descreveu a especulação a que a população que fornece os seus filhos para a carnificina, esteve sujeita pelo alto comércio e alta indústria empreiteiros e únicos interessados na guerra. Terminou apelando para a assistência no sentido de se desenvolver uma intensa propaganda anti-guerrista. Em seguida foi dada a palavra ao delegado da C. G. T., Santos Arranha, que aludiu à guerra industrial e comercial que antecedeu a confregação armada e em que a Alemanha com uma indústria modelar conseguiu, pela conquista dos mercados internacionais, concitar o ódio dos outros países.

Por outro lado a super-abundância de material de guerra nas fábricas Krupp, Schneider, Canet e outras, entre si concorrentes, que influenciaram as chancelarias, às quais serviu o pretexto do atentado de Sarajevo para o rompimento das hostilidades. Descreveu em seguida os horrores da carnificina, as terras rasgadas pela metralha e ensofadas em sangue dos povos inocentes, a apropriação dos inventos científicos e humanitários num sentido perverso, a guerra de sapa, a guerra química e a guerra microbiana, toda deslealdade e repugnância. O orador, fez depois o confronto de procedimentos dos países beligerantes e concluiu demonstrando que todos se igualaram no sentido de matarizar os povos. Passando depois em revista o que foi para Portugal a participação na guerra, cita a forma como a sombra dela se amontou fortuna fabulosa, enquanto o povo torturado pelo «sacrifício» dos seus filhos gemia ao peso da opressão económica.

Aludiu ao termo da guerra e constituição da Sociedade das Nações em que os países pequenos, como antes, ficaram sob a suzerania dos grandes países, e demonstra como essa Sociedade tem consigo o germe de novas sangueiras, visto que a liberdade dos povos, tão apregoada, se traduz na guerra feita aos mouros pela França e Espanha, pela luta do capitalismo internacional coligado contra os direitos do proletariado chinês e ainda pela forma como os decadentes desarmamentos se traduzem numa actividade crua e dos arsenais e na construção de mais vasos de guerra.

Afirma ser uma afronta aos povos sacrificados essa «laracha» internacional do «Soldado desconhecido», quando pelas ruas se arrastam os estropeados da guerra, tendo já alguns recorrido ao suicídio para não perecerem de fome.

Como consequências da guerra, refere-se às atrocidades cometidas em Itália pelo fascismo e em Espanha pelos somatenes, descrevendo em seguida a acção do operariado antes, durante e após a guerra, e demonstrando a necessidade de, ante a verificada falência da social democracia e proletariado de todo o mundo estreitar laços de solidariedade que lhe permitam evitar a nova guerra que se está preparando e no momento oportuno tomar conta dos seus destinos derruindo de vez todos os imperialismos. Termina apelando para as mulheres presentes em especial e para toda a assistência, que preocupando-se com o futuro da humanidade devem negar seus filhos ao alistamento nas fileiras dos exércitos.

O manifesto da A. I. T. foi impedido de circular pela polícia. Na véspera foi distribuído um manifesto religioso, que circulou livremente.

Não pretendemos que este fosse apreendido, mas desejamos que a liberdade de pensamento exista para nós tanto como para os outros.—E.

Sociedades de recreio

Sociedade Recreio Operário «A Portugal».—Realiza-se hoje um desafio de futebol, entre casados e solteiros no Campo Sport Club das Avenidas, sendo arbrilhado por um grupo musical.

Das 4 às 20 horas, festa da flor e baile arbrilhado por um sexteto.

A's 21, continuação do baile.

Concentração M. 24 de Agosto.—Hoje, «matinée» dançante, e, às 21 horas, baile a dueto.

Academia Recreativa Leais Amigos.—E' hoje que esta colectividade realiza o seu tradicional «pic-nic» na pitoresca Quinta do Senhor da Serra, em Queluz. E' enorme o entusiasmo entre os associados, tendo-se inscrito 300 excursionistas. Haverá interessantes números desportivos e baile, realizando-se às 21 horas a distribuição de prémios aos vencedores das provas, seguindo-se um baile em homenagem aos mesmos.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Rêclames

Não é fácil dizer-se que a noite de hoje no Coliseu dos Recreios, não seja sensacional pelos combates de luta que ali vão realizar-se e pela categoria dos lutadores que nelas tomam parte. Em «jiu-jitsu» luta o japonês Kawamura, campeão do mundo, contra o espanhol Bastarrica, combate este que vai ser renhido. Rato prepara-se para opôr ao campeão a mais encarniçada resistência. Além deste, mais três combates se realizam em luta greco-romana, lutando o forte italiano Travagliani contra o campeão português Manuel Gonçalves, o herculeo alemão Kornatz contra o rio francês Devillers e o notável alemão Stolzenwald contra o admirável alemão Grunewald. São, portanto, hoje quatro combates qual deles o mais interessante e sensacional.

No programa de variedades figuram a notável troupe russa Rusckoff com os seus cantares e bailados originais e característicos, a gentil artista Ventura com as suas surpreendentes fantasias luminosas no «reino das flores» e os simpáticos artistas Latinos com os seus lindos e apreciados fados e canções.

Em espectáculo inteiro, completo, três horas de uma notável exibição de brilhantes cenários, riquíssimos guarda-roupa, grupos de artistas e coristas, dois famosos bailarinos russos, luxo, beleza e encanto, repete-se hoje, no Eden-Teatro, a maravilhosa revista fantasia «A cidade onde a gente se aborrece».

Notícias

Deve chegar hoje a Lisboa o valente lutador Ochôa, Campeão de Espanha, que há dois anos esteve no Coliseu dos Recreios onde alcançou grandes e justificados triunfos.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Canadá» são hoje expedidas malas postais para as ilhas dos Açores e New-York e pelo paquete «Orania» para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Argentina, sendo da caixa geral as últimas tiragens de correspondência para ambos os paquetes às 9 horas.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. de ADOLEO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Flaminense, Limit.—R. dos Retozeiros, 125—LISBOA.

Horário dos comboios

Tramwais entre Lisboa, Queluz e Cintra

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses comunica que desde a data do presente e até 31 de Outubro próximo futuro a marcha do comboio [tramway] 1302 será modificada como a seguir se indica:

Comboio n.º 1302, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes: Cintra, partida, às 0,50 horas; Algueirão (ap.), 0,57; Mercês (ap.), 1,00; Rio de Mouro (ap.), 1,03; Cacem, 1,10; Barcelos (ap.), 1,15; Queluz-Belas, 1,20; Amadora, 1,24; Damaia, (ap.) 1,28; Bemfica, 1,32; São Domingos (ap.) 1,35; Cruz da Pedra, (ap.) 1,37; Campolide, 1,42; Lisboa-Rocio, chegada, 1,48 horas.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker: Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkhiof. Preço \$50.

AGREMIações VARIAS

Grupo de Educação Social de Palma.—Realiza hoje pelas 21 horas no Salão do S. U. da C. Civil, uma festa, cujo produto se destina a custear as despesas a fazer com a publicação dum extenso manifesto anti-clerical que este grupo resolveu publicar por julgar necessário o combate tenaz aos inimigos do povo.

A comissão administrativa exorta todos os camaradas conscientes a não deixarem de ir ver esta festa, pois que fazendo-o contribuem para o fim acima aludido.

Toma parte o Grupo Dramático e Musical Solidariedade Operária.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cautchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Um repto

Procurou-nos a direcção da Associação de Classe dos Carpinteiros Navais de Lisboa para que tornássemos público que, de facto, foi ao secretário deste sindicato, e à vista de testemunhas, que o presidente da Cooperativa dos Carpinteiros afirmou ter sido procurado por elementos operários do Seixal, entre eles um militante ali muito conhecido, que se lhe ofereceram por salário inferior ao estabelecido.

Assim desejam ficar libados da culpa de caluniadores os carpinteiros navais de Lisboa.

'A Batalha' a provincia e arredores

Sintra

Um lobo no Palácio Nacional da Pena

SINTRA, 7.—Acabamos de ser informados que algo de importante se vem passando no Palácio da Pena, sendo bastante graves os abusos que o seu almoçarife comete nas suas funções administrativas.

Nas salas nobres do museu dão-se lautas jantadas, bailes e várias reuniões familiares, e de amigos e conhecidos, além do uso abusivo do piano do mesmo museu pela filha do referido funcionario, que diariamente se exercita nele com as suas pesadas máquinas de aprendizagem.

Na repartição da venda de bilhetes para entrada no museu, faz-se chorudo negócio com a venda de bilhetes ilustrados, refrescos e demais artigos o que a transforma em verdadeira capelista do chéché!

As cocheiras do palácio servem de guarda a carros e cavalos de vários amigos, com quem o citado funcionario se delicia em estrondosos torroborrões pela serra de Sintra.

Será este exemplar, por acaso o lobo talo falado pela imprensa, que costuma vagar pelas serranias de Sintra?

Torna-se, pois, necessário que se proceda à imediata caçada de tal fera que bastantes prejuízos vem causando ao país.

Oxalá que a caça deste lobo traga a tranquilidade aos habitantes de Sintra, que se mostram exaltados com tamanho escândalo administrativo.

Leixões

Um medico hiper-sensível

LEIXÕES, 6.—No que diz respeito a Sanidade e Assistência está esta vila servida à maravilha!

Já há meses *A Batalha* se referiu ao modelo serviço das irmãs de caridade (?) do hospital daqui, que não alugam furos para intervenções uterinas, embora urgentes, sem averiguar se a doente é casada à face da lei e do divino arquitecto representado pelos seus vários agentes, vulgo sacerdotes; mas há mais e melhor.

A Cruz Vermelha tem um pronto socorro muito lindo, muito pintadinho, muito agelhado... que até parece que o metaram numa redoma, pois nunca se vê nas ruas a prestar qualquer serviço.

Também as estradas estão tão más que as suas lindas rodinhas podem estragar-se e depois não há quem dê para outras... Mas... há mais ainda! Existe aqui um rotundo medico a quem chamam «Pedro, o cru», que representa o expoente máximo da ciência e do Carinho médicos, na vila. Este valioso elemento lá sendo o causador de uma morte, há dias, morte esta que talvez lhe viesse a causar alguns amargos de boca, embora sua excelência a ande quase sempre a reger, certamente por medida higiénica.

Foi o caso que o referido luminar da ciência, depois de rápido exame a um doente que entre outras doenças sofre também de epilepsia, sendo portanto um hiper-sensível, lhe declarou sem mais preâmbulos, que dentro de três dias lhe morria! Isto passou-se já há seis dias... e o doente ia morrendo, sim, mas no próprio dia da consulta em que procurou suicidar-se, tal o estado em que o deixara a brutal dedução do supinistimo alveitar que toleram como medico, talvez porque neste meio reaccionário tudo e só o que é talassa é que tem valor. E o supracitado alveitar é um indefectível monárquico que muito pesa nas hostes (?) de sua magestade...

Que enorme perigo representa para a sociedade um bicho destes e como é diferente a aplicação das leis de repressão contra os «indesejáveis».—C.

Valhelhas

Os lobos

VALHELHAS, 6.—Há dias que alcateias de lobos aparecem nas proximidades desta freguesia e de Famalicão, atacando audaciosamente os rebanhos.

Aqui tem devorado algumas cabeças de gado lanigero e em Famalicão assaltaram um rebanho de 80 cabras, matando 10, ferindo outras 10, e, ao que parece, devorando 3 que faltaram.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa Braco de Prata.—Comemora hoje o seu 28.º aniversário com uma sessão solene às 15 horas, concerto às 18, e às 21 horas baile.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Pela União dos Professores Primários

Um protesto

Os abaixo assinados, delegados de núcleos ao Congresso de Évora e simples professores associados, protestam contra a resolução dos corpos administrativos da União dos Professores Primários que, sem respeito pelo Estatuto nem pela soberania dos núcleos federados e num acto de inadmissível inconsciência associativa, resolveram adiar o referido Congresso.

Lisboa, 7 de Agosto de 1925.

Almeida Costa, (delegado de Coimbra); Faria Artur, Acácio Gouveia, Francisco Gomes Cabral, (delegado de Gouveia); Joaquim Gomes Belo, Carvalhão Duarte, Manuel da Silva.

TIVOLI

TEL. N. 501

DE TARDE ÀS 3 HORAS

DE NOITE ÀS 8 3/4

A CASA SOLARENGA

O PRINCEPE ENCANTADOR

Amanhã—NOVO PROGRAMA

DESPORTOS

CICLISMO

Realiza-se hoje a prova internacional, em estrada, de 188 quilómetros:

E' hoje que, devido à acção desenvolvida pelo Comité Olímpico Português, valiosamente auxiliado pela União Velocípédica Portuguesa, tem lugar entre nós a mais importante prova internacional em ciclismo e na qual toma parte a famosa «equipe» francesa, em competição com os nossos melhores estradistas.

A «equipe» francesa, acompanhada do seu «manager» mr. M. Ruinari, é constituída por todos os corredores que ganharam os últimos Jogos Olímpicos, que são: Le Ducq, Wamleat, Blanchonnet e Hanel. Os seus adversários portugueses são: Joaquim Raposo e João Borges, do Grupo Sport Cruz Quebrada; Quirino de Oliveira, do Campo de Ourique; José Pereira da Conceição e António Mil-Homens, do Bombaralense; Alfredo de Sousa, Aníbal Firmino da Silva e Manuel da Fonseca Gil, do Sportivo de Carcavelos; Baltazar Pereira Falcão, do Progresso do Pórtico; Joaquim Cairel, José Sequeira Júnior e Manuel Rijo da Silva, do Lourinhense.

FUNCIONALISMO PUBLICO

Tem direito a viver melhor embora o sr. Rodrigues Gaspar apenas se tivesse lembrado do funcionalismo militar

O «velho democrata» e «ineficiente» republicano Rodrigues Gaspar, com aquela provém do seu grande amor aos princípios, senão aos defendidos e preconizados por António José de Almeida ou Magalhães Lima, pelo menos aos adoptados por João Franco e usados pelos Makavencos, usando da palavra quando da apresentação do governo em São Bento, além dos cumprimentos do estilo em nome da maioria em tudo bem digna de ser representada por um tão digno «esteio» desta república, chama a atenção do governo para a péssima e miserável situação em que vivem os oficiais do exército.

Além de outras, fez o «intemerato» republicano a interessante afirmação de que era necessário e urgente dar aos oficiais do exército, aquele soldo necessário para eles viverem com a independência precisa, não temerem de se imiscuir no desempenho de outras funções, que embora nobres e decentes, de forma alguma podem contribuir para lhes criar aquela situação e respeito que aureola lá fora o oficial estrangeiro.

Falou ainda s. ex.ª da miséria dourada que aqueles atravessam, miséria tão grande e tão repugnante que chega a impedir que seus filhos se eduquem, pois que, ou não têm que vestir ou não têm que calçar. Poucas vezes estamos tão de acordo com o sr. Rodrigues Gaspar, pois, a pesar de em nada concordar com a manutenção do exército permanente num país pobre como Portugal—ou sequer nos ricos—ou com essa fábrica de fazer oficiais que é a escola do exército, nem por isso deixo de concordar que aqueles que ali existem, muito embora pudessem desempenhar uma missão mais útil e proveitosa para a humanidade, necessitam e carecem que o Estado lhes conceda o suficiente para viverem e se manterem.

O reparo único que fazemos ao discurso do antigo presidente do Ministério, visa apenas o facto de ele julgar que a miséria que o Estado distribui em larga escala é apenas exclusiva do funcionalismo fardado, quando é certo, que ele de maneira alguma pode ou deve ignorar pela sua alta posição na política portuguesa, que essa miséria com uma fealdade que apavora, enreda tudo e a todos se estende. Apenas, uma classe dela está isenta—e essa é... a classe dos tubarões—que vivendo uma vida de verdadeiros nababos pelos altos ordenados e choradas cooptações que têm, apenas aparecem nas repartições, para afrontar e ofender a miséria dos outros.

A miséria agora apregoadá no Parlamento e focada com mão de mestre, de ha muito assentou arraiais tanto na casa de aquele que maneja uma arma impõe a força e aguenta governos, como no tugúrio daquele que empunha uma pena, dita o direito e salva ministros. Se uns, pela pobreza do seu soldo não enviam os seus filhos à escola e lhes faltam com a educação, outros os mandam rotos e esfomeados, ou então, os lançam à rua na mais perigosa e triste companhia.

E' facto que uns se impõem ao critério dos políticos pela força que manejam sempre que eles dela necessitam e outros se não impõem nem pela união, mas no entanto, entre uns e outros, creio que pouco haverá que diferir, uma vez que enquanto os primeiros têm o papel de impôr o respeito pelo Estado capitalista, já de si um pouco decadente, os segundos têm de fabricar os balões de oxigénio—leis e decretos—com que lhe vão alimentando a vida.

De ha muito que o propósito do mais simples ou complicado motivo, se faz taboá para o funcionalismo, chegando até na febre verdadeiramente contagiosa que mina os homens do poder, a fazer esquecer a missão utilitária e benéfica que uma parte dele desempenha; miséria tanto mais nobre e necessária quanto mais avançada for o aperfeiçoamento da sociedade, mas, no entanto, sempre, confessar, que desse defeito a todos os títulos prejudicial se não deve culpar os homens que os caprichos da política ou os acasos de momento, collocou nas cadeiras ministeriaes.

O funcionalismo mais do que ninguém é o culpado, pois que ele, que pouco ou nenhum cidadão parece ligar à sua profissão, é o único a preparar o terreno em que os outros o vêm despresar. Se o funcionalismo, por momentos sequer, esquecesse aqueles a quem por uma errônea interpretação julga estar enfeitado e deles se emancipasse, decerto assistiriam ao benéfico fenómeno de ver, e com uma vertiginosidade interessante, desaparecer, com parte dos seus males, o mal de que o Estado enferma e a compellência e interesse de muito «boa gente». E' certo que uma razoável parte do funcionalismo deve o cargo publico ao favor do politico que o nomeou ou mais justos; mas, nem por tal ele deveria permanecer amarrado a esse favor, uma vez que a existência do politico só é possível por esse errôdo critério e senão deixo o funcionalismo de ha dar o seu voto e de ha proteger as pretensões nas repartições publicas, se quer ver como a sua duração não vai além das rosas de Matherbe.

Não é, nem seria admissivel de animo leve esta afirmação, pois a prova-la está o facto de enquanto ha pouco os politicos, num especimen verdadeiramente degradado, que nos revoltaria se tudo não nos esparcessemos já, se alheavam numa inconsciência que provoca, dos mais supremos interesses da nacionalidade, para os cuidados e de ha proteger as pretensões nas repartições publicas, se quer ver como a sua duração não vai além das rosas de Matherbe.

Não é, nem seria admissivel de animo leve esta afirmação, pois a prova-la está o facto de enquanto ha pouco os politicos, num especimen verdadeiramente degradado, que nos revoltaria se tudo não nos esparcessemos já, se alheavam numa inconsciência que provoca, dos mais supremos interesses da nacionalidade, para os cuidados e de ha proteger as pretensões nas repartições publicas, se quer ver como a sua duração não vai além das rosas de Matherbe.

Não é, nem seria admissivel de animo leve esta afirmação, pois a prova-la está o facto de enquanto ha pouco os politicos, num especimen verdadeiramente degradado, que nos revoltaria se tudo não nos esparcessemos já, se alheavam numa inconsciência que provoca, dos mais supremos interesses da nacionalidade, para os cuidados e de ha proteger as pretensões nas repartições publicas, se quer ver como a sua duração não vai além das rosas de Matherbe.

Aos Sindicatos Marítimos

NOTA OFICIOSA

O Comité Confederal, em virtude da Federação dos Trabalhadores Marítimos ter resolvido suspender as suas relações com a Confederação Geral do Trabalho e por esse motivo não requisitar expediente para as cobranças, convida todos os sindicatos marítimos que não concordem com tão insólita atitude a requisitarem directamente ao Comité Confederal os selos-cotas e mais expediente de que necessitem.

O COMITÉ CONFEDERAL

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Corticões do Bolém

Voltaram novamente a reunir os operários corticeiros desta área, para apreciar o caso do industrial Eusebio, que pretende baixar 10%, nos salários aos seus operários os quais se recusaram a aceitar tal baixa, resolvendo o dito industrial paralisar a fabricação por enquanto. Quanto aos industriais Vargas & Alvarez já resolveram pagar os mesmos preços que os seus colegas da área o que a assembleia registou.

A assembleia verberou asperamente que agora pretendam exercer represalias nalguns camaradas que já lá trabalharam e que residem aqui. De entre esses camaradas há um que não tem trabalho, tendo uma casa de família a sustentar já por diversas vezes tem pedido trabalho a esses senhores, recebendo resposta negativa.

Em face disto a assembleia geral reunida expressamente para tratar deste assunto, resolveu obstar por todas as formas a qualquer camarada vá para lá trabalhar, enquanto o dito industrial não se resolver a admitir o operário que lá trabalhou.

A direcção deste sindicato mais uma vez apela para a solidariedade das camaradas corticeiros que não devem ir para lá trabalhar enquanto este assunto não esteja resolvido, e bem assim que hoje nas fábricas se tirem quetes de auxilio para os operários da casa Eusebio.

Operários das obras do Estado

Na reunião efectuada ontem no S. U. C. Civil, o delegado deste organismo expoz aos licenciados as demarches realizadas para a sua readmissão, pedindo que, havendo embaraço na entrada de qualquer operário, o mesmo se dirija amanhã, às 12 horas, ao sindicato para os delegados tratarem o caso.

Os presentes foram convidados a apresentarem-se nas suas secções a fim de se enviarem às obras respectivas, devendo todos fazer-lhe imediatamente a fim de não serem excluidos.

Obras da Maternidade

O delegado da Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil juntamente com o secretário do Conselho Técnico do mesmo organismo, vão amanhã, pelas 10 horas, tratar da reabertura dos trabalhos e admissão de operários.

INTERESSES DE CLASSE

Na obra do Ginásio

Um despedimento injustificado

Já por várias vezes têm aqui sido referidos atropelos ao horário de trabalho na obra do Teatro Ginásio. Agora outro facto se dá, atentatório dos interesses dos operários da industria: o despedimento de alguns pedreiros, que têm sido substituidos pelos serventes José de Aguiar, José Dias e José Marques.

A boa técnica da construção, e portanto o interesse do proprietário e o próprio crédito do mestre de obras, deveriam ser motivos suficientes a não se cometer o erro deste senhor despedindo ha duas semanas alguns profissionais que agora estão sendo lesados nos seus interesses.

Como se compreende que se tivessem despedido pedreiros, por não terem que fazer, segundo disse o encarregado geral, e se estejam metendo a fazer trabalho que a eles compete simples serventes?

Esta atitude do encarregado geral não tem justificação, e, a bem dos interesses da classe, terá de modificar-se.



Renovação
Revista Grafica
A 1 e 15 de cada mês
Preço esc. 1/50

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Continuando incommunicáveis vários operários nas várias esquadras, vai para dois meses, em Cabo Verde e Guiné, este Secretariado acompanhado pelo dr. Sobral de Campos, avistou-se anteontem com o dr. Domingos Pereira, actual presidente do Ministério e ministro do Interior, tratando deste assunto.

O presidente do ministério disse ser uma cousa que o incomoda imenso ver gente cercada de liberdade, mas que, no entanto, havia presos que a C. G. T. não poderia tratar de uma forma geral, o que lhe respondeu o Secretariado que simplesmente queria as responsabilidades apuradas e que para isso não necessitava o poder judicial de enviar para Africa tantos indivíduos quando tinha, de sobejo, tribunais em Lisboa, acrescentando a circunstancia de se ter feito essas deportações duma forma leviana.

Também a comissão fez sentir ao dr. Domingos Pereira a situação em que se encontram alguns presos que, devido a agressões de que foram vítimas e de que ainda estão em tratamento continuam incommunicáveis.

Este Secretariado previne os operários que se encontram presos, no Governo Civil e esquadras, que o caso de não ir visitar não representa nenhuma consideração por eles, mas é, devido às horas já que as mesmas visitas se efectuam, que, por serem de manhã, já por vezes tem sido improprio esse trabalho em consequência da aglomeração de pessoas de família, e de tarde, como se sabe, não há visita e mesmo a essa hora está o Secretariado tratando junto das autoridades competentes da situação dos presos.

Fica assim esclarecido o assunto, a fim de se evitar uma torpe e falsa especulação que de ha muito se vem fazendo em volta dos presos. Achamos melhor que todos os esforços convergissem para a libertação dos enclausurados.

Este Secretariado repita quem quer que seja a provar que não tem tratado dos presos com aquele carinho que lhe é peculiar e sem que considere isso um favor.

Que isto fique entendido de uma vez para sempre, para que acabe toda a má fé.

HORARIO DE TRABALHO

Um delegado do governo em Gaia cúmplice do desrespeito à lei

GAIA, 6.—Já por várias vezes escalpelizámos o procedimento do industrial corticeiro, Claudino Rodrigues, pois abusa com tudo e de todos, hoje não podemos ficar silenciosos visto que aquele industrial desrespeita o horário de trabalho, com a cumplicidade do delegado do governo.

Já o Sindicato dos Corticeiros se entrevistou com aquela autoridade a fim de, como determina a lei, pôr cõbo ao procedimento daquele industrial.

Mas, o que vimos? O delegado do governo enviou uma carta ao industrial autorizando-o a que continuasse a desrespeitar a lei, ou por outra, a que podia obrigar os seus operários a trabalharem 10 horas e meia!

So fôssemos nós que, num legitimo direito humano, não respeitásemos uma lei opressora, eramos presos, espancados, sujeitos a sermos fuzilados como terríveis legionários.

Mas, como Claudino Rodrigues tem muito dinheiro, pode explorar, tyrannizar, vexar, e desrespeitar a lei.

Prometemos não largar isto de mão até que o delegado do governo cumpra o seu dever.—C.

Na Empresa Electro-cerâmica

A Empresa Electro-cerâmica continua a não respeitar o horário de trabalho na secção de vidrificação, secção onde são explorados grande numero de menores.

As autoridades fazem vista grossa.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

SOLIDARIEDADE

Pro-José Filipe

Nas obras do Manicéio Miguel Bombarda foi tirada uma quete a favor de José Filipe a qual rendeu 120\$75.

—A secção dos pedreiros realiza no dia 16 de Agosto uma festa de auxilio à mãe de Manuel Ramos.

A comissão da festa convida todos os que a queiram auxiliar a comparecerem na sede da secção ou a procurarem o continuo da construção civil.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Setúbal.—Trabalhadores das Fábricas.—Mais uma vez lembramos a solidariedade para Lino Leandro, que se encontra na Penitenciária, devido a um erro judiciário.

Pôrto.—U. S. O.—Digam o que ha sobre o officio que lhe enviamos sobre um operário af preso ha tempo.

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Faro.—Recebemos officio registado. Segue resposta e recibo.

Sindicato do Pôrto.—Segue expediente pedido.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Sessão de 6 de Agosto

Foi constituída a mesa por Joaquim de Sousa, Quirino Moreira e Manuel Peres, respectivamente presidente e secretários e também respectivamente delegados da Federação Metalúrgica, U. S. O. de Portimão e Sindicato dos Mineiros de São Domingos. Representados os seguintes organismos: uniões de sindicatos: Faro, Portimão, Evora, Setúbal, Seixal e Almada; federações de industria: Rural, Ferroviária, Metalúrgica, Construção Civil, Mobiliária, Livro e do Jornal, Corticeira e Empregados no Comércio; sindicatos isolados: Mineiros de São Domingos e Têxteis da Covilhã.

Sobre a acta falou Carlos José de Sousa, (Federação do Livro e do Jornal) que esclarece ter affirmado na sessão transacta que se estivesse presente a sessão do Conselho da sua Federação, em que foi apreciada a publicação em A Batalha dos artigos «Política de Moscova» teria informado o Conselho Federal que eles obedeciam a uma resolução anterior do Conselho Confederal, o que fará na próxima reunião.

Da leitura do expediente e sua apreciação resultou a nomeação de delegados: a constituição dum sindicato misto em Ribeira Branca, a assistir ao Congresso da Industria de Tanoraia, a representar a C. G. T. no Congresso da Associação dos Professores de Portugal e a sessão do aniversário da Associação do Registo Civil que para tal convidou a Confederação.

Lido um officio da Secção Federal do Sul da Construção Civil, em que é pedido auxilio confederal para a propaganda a fazer em Loulé e arredores; depois de se pronunciarem sobre esse auxilio M. J. de Sousa, Manuel Nunes Santos Arranha e outros, foi resolvido que tomasse essa incumbência a Secção de Unioes.

No período antes da ordem é apreciado o facto de estar em atraso a transcrição de actas no livro respectivo, sendo por proposta de Almeida Marques, com apenso de Manuel Nunes, resolvido que o comité confederal encarregue alguém de absoluta confiança de proceder a esse trabalho.

Carlos Coelho (Construção Civil) refere que constantemente a sua Federação chegam reclamações sobre o desrespeito ao horário de trabalho e diz desejar ser esclarecido sobre o assunto pelo Secretariado Juridico, no que é satisfeito por Alfredo Pinto, que descreve a acção do Secretariado sobre a questão do horário, «demarches» efectuadas no sentido de poder esclarecer o operariado sobre o regulamento respectivo, acrescentando que se espera muito em breve poder-se publicar o parecer esclarecedor. Descreve o Secretariado sobre a «questão dos foros» assunto empenhado porque as entidades competentes afirmam só poder tratar dele depois das férias. Termina provando o interesse que aquela cêmlula confederal tem merecido a situação dos presos.

Sobre o horário de trabalho, Carlos José de Sousa diz dever aconselhar-se aos trabalhadores a resistência contra a esbulhação dessa regalia, alvirte que é aceite.

Santos Arranha trata do estado em que se encontra a organização pela provincia e especialmente de levantar alguns baluartes operários. A propósito, refere-se a predisposição que notou no proletariado de Leiria e Caidas da Rainha de organizar-se. Defende o critério de que, logo que seja possivel, se enviem delegados a organizar aquela região.

M. J. de Sousa defende o ponto de vista dum propaganda geral sem especificar esta ou aquella região.

Almeida Marques concorda com Arranha, já pela acessibilidade da linha de Oeste já por se não apresentar ali espirito associativo. Por fim, o Conselho assentou em que o Secretariado Confederal de Propaganda elabore um parecer sobre a propaganda a desenvolver em todos os paiz.

Em ordem de trabalhos é lido um officio da Federação Marítima em que este organismo comunica ter resolvido suspender as suas relações com a C. G. T.

Carlos Coelho, pelo Comité Confederal, dá explicações sobre o assunto.

Silvário dos Santos (Federação Corticeira) acha atribulatória a resolução da Federação Marítima em conselho confederal, visto que, pelo seu melindre ela só poderia ser tomada por «referendum» aos sindicatos. Encara a resolução precipitada da Federação Marítima como motivo para uma desagregação das classes que a compõem. Recorda passagens da vida dos últimos anos da C. G. T. e filia em factos ocorridos o que agora se está produzindo. Devese obstar—diz—à propaganda dissolvente que os divisionistas estão desenvolvendo e alvirte que a C. G. T. se dirija directamente aos sindicatos marítimos.

Henriques Rijo (Federação Ferroviária) diz que o injusto officio da Federação Marítima não é a cópia fiel do que o conselho confederal daquele organismo resolveu, visto que não faz allusão a uma proposta da Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante que foi aprovada no sentido de que a cota a pagar aquela Federação baixasse para \$85, deixando aos sindicatos federados o direito de continuarem confederados. Devese, dum vez para sempre, acabar com a campanha de calúnias e actuar nesse sentido junto da massa operária.

Almeida Marques (Mineiros de S. Domingos), lamenta que a C. G. T. não fosse ouvida no Conselho Federal Marítimo. Refere-se à campanha dissolvente dos moscovitários em Evora nos últimos tempos. Deve mostrar-se à Federação Marítima que praticado um abuso, e evitar, de futuro, a imiscuição de politicos nos organismos centrais da organização.

Manuel Pires (Mineiros de S. Domingos) seguindo na mesma ordem de ideias, refere-se ao facto de os comunistas terem actuado junto da classe que ele representa, gerando por conquistar o secretariado geral daquele sindicato mas vendo gorados os seus fins. Defende medidas energicas contra

estes abusos e apresenta a seguinte moção, que o conselho aprovou unanimemente.

«Considerando: Que o Conselho Federal da Federação Marítima abusa das suas atribuições, rompendo com a C. G. T. sem que para isso fosse autorizado pelos sindicatos aderentes, que para tal fim deviam ter sido consultados; que tal resolução não representa o sentir das classes marítimas e sim o desejo divisionista de determinados elementos partidários da politica de Moscova; que os seus delegados não foram desconsiderados, como insidiosamente afirma a circular enviada à C. G. T.; e ainda: que esses delegados faltarão ao cumprimento dos seus deveres, abandonando as sessões do Conselho Confederal, sem que para isso dessem a menor satisfação ou explicassem as razões de tão extranha attitude;

O Conselho Confederal resolve pelas razões expostas nos considerandos, não aceitar o rompimento imposto pela Federação Marítima, sem que os sindicatos a ela aderentes tomem resoluções nesse sentido.

Os sindicatos marítimos serão consultados directamente pela C. G. T.

Santos Arranha (U. S. O. de Setúbal) diz ter a impressão de que, neste caso, não foi interpretado o sentir das classes marítimas das quais descreve a psicologia.

Refere-se ao antecedente da adesão da Federação Marítima à C. G. T. e à acção que junto daquele organismo desenvolveu quando era secretário geral da C. G. T.

Vê em tudo isto a prossecução da campanha moscovitária, cujos elementos, trazendo nos lábios a palavra unidade, só buscam desmembrar, recorrendo para isso a todos os meios, os mais condenáveis.

Alcides de Oliveira (U. S. O. de Evora) não estranha a attitude assumida pela Federação Marítima, visto que os seus dirigentes assim procedem por não terem feito virar no seio da organização os seus objectivos politicos. Lê e manda para a mesa a seguinte moção que foi aprovada por unanimidade:

«Considerando que pela Federação Marítima, foi enviado ao Conselho Confederal da C. G. T. um officio dando conta de uma moção aprovada na sua última reunião do Conselho Federal, na qual declara aquele organismo suspender as suas relações com a C. G. T.; que o Conselho Confederal, a quando da suspensão de relações com os sindicatos dos arsenais de marinha e do exército, aprovou uma moção pondo no mesmo pé de igualdade os organismos que se collocassem nas mesmas condições; mas considerando que a Federação Marítima é um organismo coordenador dos vários sindicatos de industria que lhe são aderentes, alguns dos quais se encontram perfeitamente de acordo com os objectivos ideologicos que notem a C. G. T.; que a attitude da Federação Marítima merece ser escalpelizada, e simultaneamente, esclarecidos os organismos marítimos que lhe são aderentes:

O Conselho Confederal resolve:

1.º. Não aceitar, até que os sindicatos se pronunciem perante a C. G. T., a attitude da Federação Marítima;

2.º. Protestar contra a attitude escissionista do organismo em referência, contrária ao mais rudimentar principio de unidade sindical;

3.º. Convidar o Secretariado Confederal de Propaganda a exercer uma intensa acção de propaganda e esclarecimento junto dos sindicatos marítimos, para que estes se mantenham aderentes à C. G. T. por intermédio das U. S. O. e Camaras Sindicais do Trabalho.

Alfredo Pinto (Federação Rural), depois de ler uma consulta da U. S. O. de Portimão sobre o fornecimento de expediente de cobrança aos Carpinteiros Naveis da daquela cidade, pergunta em nome do Secretariado Juridico e de Solidariedade em que condições ficam os presos marítimos que se encontram subsidiados pela C. G. T.

Trava-se debate sobre este assunto, sendo o conselho unânime em não sacrificar desde já esses camaradas aos caprichos dos dirigentes da Federação Marítima, aprovando, por fim duas propostas que A Batalha antontem publicou.

O conselho resolveu ainda publicar a «nota officiosa» que convida os sindicatos marítimos a requisitarem o expediente confederal, ou por intermédio das U. S. O. onde as houver, ou directamente à C. G. T.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.

Reúnem antontem o Conselho Confederal, estando representados os seguintes organismos: Conselho Inter-federal, Sindicato dos Profissionais de Imprensa, Compositores, Impressores Tipográficos, Encadernadores e Anexos, Litógrafos e Anexos, Fabricantes de Papel da Abelheira e de Tomar.

Depois de largamente apreciado pela maioria dos delegados presentes os artigos «Política de Moscova» publicados em A Batalha, bem como as divergências que se vêm manifestando na organização operária, foi aprovada, por unanimidade, a seguinte declaração:

«Os delegados da Federação do Livro e do Jornal à Confederação Geral do Trabalho, depois de ouvirem o Conselho Central sobre a attitude a tomar no Conselho Confederal, entendem que ela fica assim bem demarcada:

1.º.—Combater toda a espécie de facciosismo que observem no Conselho Confederal, parte elle donde partir.

2.º.—Manter a mais absoluta neutralidade na questão de tendências ideologicas quando elas saiam dos limites da ideologia sindicalista revolucionária.

3.º.—Por ideologia sindicalista revolucionária entendidos dos trabalhadores com a finalidade da constituição do regime sindicalista que comporta a hegemonia total das células sindicais, sem nenhuma interferência de quaisquer partidos politicos. — Del. Jim de Sousa Pinheiro, Carlos José de Sousa.

Em virtude do adiamento da hora, o delegado dos Litógrafos não pôde definir a sua attitude no conselho, o que fará na próxima reunião.

Reúnem o Secretariado, tendo nomeado delegados à assembleia geral da Liga dos Vendedores de Jornais, António Costa e Eugénio Indício.

Federação Mobiliária. — Reúnem antontem o conselho confederal. No expediente figuravam officios do Pôrto, Guimarães, Coimbra, Faro, Gonçalo, Lisboa, Delegação Federal e C. G. T., aos quais foi dado o devido destino.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, foi apreciado um officio do Sindicato Metalúrgico que enviava bilhetes para uma festa de solidariedade; resolveu-se devolvê-los, fazendo-lhes sentir que devem ser enviados aos sindicatos, pois a Federação não tem possibilidades para a sua passagem. Sobre um officio dos cesteiros de Gonçalo foi encarregada a comissão administrativa de elaborar uma representação sobre o trabalho nas Penitenciárias e tratar o assunto com o ministro da Justiça.

Pelo delegado à C. G. T. foi exposta a sua attitude no Conselho Confederal, sendo aprovada uma moção de solidariedade com as resoluções da C. G. T. sobre o caso da Federação Marítima.

Aprovaram-se os relatórios das comissões revisoras de contas do 2.º semestre de 1924 e 1.º de 1925.

Apreciado um officio do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, sobre o levantamento da organização mobiliária em aquela cidade, resolveu-se publicar em A Batalha um apelo a aqueles camaradas e officiar a alguns militantes locais a fim de ajudar a fazer aquele sentido. Ficou ainda resolvido que, caso algum delegado passe por aquela localidade, ali dê uma sessão.

Por último apreciou-se um parecer da comissão organizadora do 2.º Congresso Corporativo, no qual se preconizava a realização dum reunião entre os delegados mobiliários que forem ao Congresso Confederal, e a tratar-se da melhor forma de se realizar o Congresso Corporativo.

Simultaneamente, foram apreciados um officio do Sindicato do Pôrto e outro da Delegação Federal que preconizam a ideia da realização dum Conferência Mobiliária após o Congresso Confederal. Após várias opiniões foi resolvido que a Federação se entenda com o Sindicato do Pôrto, autor da ideia da Conferência, a fim de se chegar a uma conclusão.

Foi ainda tratada a forma de se preencher algumas delegacias que se acham incompletas ficando a comissão administrativa encarregada deste assunto.

Pintores da Construção Naval. — Reúnem a comissão administrativa deliberando entre outros assuntos convocar a assembleia geral para 11 do corrente pelas 20 horas prefixas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Liga dos Vendedores de Jornais. — Em assembleia geral, pelas 19 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Sobre a venda de jornais de Lisboa e do Pôrto; Sobre os passes especiais de imprensa passados a indivíduos não vendedores de jornais; Apreciação sobre a adesão à Federação do Livro e do Jornal; Apreciação dum officio dimanado da Federação do Livro e do Jornal sobre o 2.º congresso da Federação do Livro e do Jornal (5.º Congresso Gráfico).

Não havendo número, reúne em 2.ª convocação, 1 hora depois, com qualquer número.

Manipuladores de Pão. — Pelas 17 horas, em assembleia magna para dar conhecimento das demarches realizadas.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação do Livro e do Jornal. — A comissão organizadora do Congresso, amanhã, às 19 horas.

Compositores Tipográficos. — Reúne na próxima terça-feira, 11, pelas 18 horas, a assembleia geral, para continuação de trabalhos pendentes, que consta da apreciação de uma proposta de Ernesto de Carvalho, para que a quantia de 1.168\$81 que está depositada na C. G. D. reverta em favor da sede, e ainda outra de Virgílio Moura Santos, para que parte desta quantia seja para os Congressos Federal e Confederal e restante para a sede.

Empregados de Escritório. — Na sua Associação de Classe, prosseguiu na passada quinta-feira a assembleia geral extraordinária dos empregados de escritório, convocada pelo numero legal de associados a fim de apreciar a circular-plebiscito emanada da Direcção, sobre a suspensão temporária da cotização para a C. G. T. e Camara Sindical do Trabalho.

Não tendo ainda o assunto ficado solucionado continuará a sua discussão amanhã pelas 21 horas, sendo de esperar que fique definitivamente resolvido.

Manipuladores de Pão. — Reúnem amanhã, pelas 14 horas, as comissões administrativas e de melhoramentos, devendo comparecer o cobrador para dar contas.

—A mesma hora deve realizar-se uma reunião de militantes, que por este meio são convidados a comparecer.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne na próxima quarta-feira, pelas 20,30 horas, sendo necessário que todos os Secretários ou Comissões Executivas das Secções enviem um delegado a essa reunião, com a nota de assinantes para a «Voz Sindical» e do numero de jornais para venda avulso em cada Secção. E' necessário que esses delegados tragam também a essa reunião a inscrição para as Aulas de Educação Mútua, as quais devem ter inicio na segunda quinzena deste mês.

Secção Metalúrgica. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Secção de Bolém. — Convida o Secretariado Seccional todos os filiados a inscreverem-se na aula de Educação Mútua que brevemente vai ser iniciada, estando a inscrição aberta na sede até à próxima quinta-feira.

Um novo combustível liquido

BERLIM, 8. — Os químicos alemães descobriram um processo de fabricar combustíveis líquidos, o que permitirá em breve a Alemanha o tornar-se independente da gasolina e dos óleos mundiais, passando a exportar aqueles combustíveis por preços os quais o mercado mundial não ode presentemente competir.